

## CRESCIMENTO ECONÔMICO: UMA VISÃO HUMANÍSTICA (1)

---

David E. Lilienthal (2)

Crescer ou não crescer: a questão é ouvida com frequência cada vez maior nos dias de hoje. E muito do que se ouve em resposta está permeado de negativismo, ceticismo e medo, não faltando nem mesmo as previsões catastróficas de um colapso mundial.

Como humanista e como gerente profissional, discordo profundamente daqueles que encaram com irrestrito pessimismo as tendências ascendentes de crescimento e desenvolvimento.

Esse negativismo não deve permanecer sem resposta. De outro modo, os benefícios decorrentes da aplicação de métodos corretos de crescimento e expansão serão cerceados, se não cessarem de todo. Disso resultará um retrocesso em todos os tipos de sistemas sociais e econômicos — capitalistas, socialistas e comunistas —, atingindo tanto a países industrializados e desenvolvidos, quanto a nações subdesenvolvidas.

Não resta dúvida de que o crescimento e o desenvolvimento conduzidos de forma espoliativa, gananciosa e desordenada levam à destruição dos valores humanos e de nossa herança comum, o meio ambiente. Mas é essencial que fique igualmente claro que o ataque cada vez mais difundido ao desenvolvimento, a reivindicação de que deva cessar o crescimento, é fruto de uma perspectiva errônea. Tais visões negativistas revelam ignorância do que podem fazer as técnicas do desenvolvimento, em harmonia com as leis da natureza, no sentido de melhorar e fortalecer o meio ambiente e o nível de vida dos povos.

Minhas crenças pessoais com respeito ao crescimento e ao desenvolvimento são definitivamente afirmativas, confiantes e específicas. Vivemos uma época em que os indivíduos e organizações — sobretudo aqueles voltados para a ação e não apenas para as palavras — têm o dever, perante eles próprios e a sociedade, de vir a público e declarar o que pensam — e por que — sobre o crescimento econômico e o desenvolvimento.

O dever de expressar suas convicções próprias e descrever a experiência concreta no trato dos problemas do crescimento é particularmente forte para aqueles indivíduos que acumularam anos de vivência operacional na tarefa de promover a modernização e o crescimento, e que ainda hoje

---

(1) Conferência pronunciada por DAVID E. LILIENTHAL perante o American International Club, Genebra, Suíça, 13 de outubro de 1972.

(2) O autor é Presidente da Development and Resources Corporation, New York, e ex-Presidente da Tennessee Valley Authority e da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos.

carregam o ônus, as satisfações e as frustrações do processo de desenvolvimento.

Acontece que eu me conto entre tais indivíduos.

Por isso, minhas palavras se inserem num contexto de envolvimento pessoal e observação direta ao longo de quarenta anos devotados profissionalmente ao desenvolvimento e à expansão, assim como de minhas responsabilidades atuais e quotidianas em dois países em ascensão. Nos dias de hoje, esses países talvez constituam os exemplos mais dramáticos de rápido crescimento econômico e modernização, voltados para a melhoria das condições sociais. Refiro-me ao Brasil e ao Irã. Referir-me-ei também ao mais conhecido e maduro exemplo de desenvolvimento nos Estados Unidos, a região do Vale do Tennessee, que abrange sete estados.

Eu creio no crescimento. Acredito no crescimento não como um mero teorema econômico ou político, mas como uma premissa básica da própria vida, da vida individual, da vida da espécie e do planeta. Creio que o desenvolvimento é a principal alavanca com a qual poderemos soerguer e melhorar as condições de vida da população mundial.

Não caberia ao mundo indagar-se se o crescimento e o desenvolvimento constituem uma maldição, como o dizem alguns, mas sim considerar que métodos deverão ser empregados a fim de promover o desenvolvimento acelerado. Em outras palavras, o problema está em **como** crescer.

Ao longo de gerações, o crescimento e o desenvolvimento foram desejados e incentivados, constituindo a pedra de toque do capitalismo, do socialismo e do comunismo — princípio comum a todas as ideologias. Hoje, no entanto, só um cego poderia negar o grande ceticismo e a descrença que envolvem o crescimento e a expansão.

As principais causas de tão dramática reviravolta estão na intolerável poluição do ar em todas as grandes cidades e suas cercanias, na conspurcação de muitos rios e lagos em todo o mundo e até mesmo na ameaça visível aos próprios mares. Os substanciais incrementos de população e a migração crescente de milhões de pessoas do campo para as cidades vieram multiplicar o impacto da poluição do ar e das águas.

A maior parte desses males, nas regiões industrializadas do globo, é consequência direta da própria industrialização e da demanda crescente pelos frutos da indústria e da tecnologia.

Quanto custa um produto ou serviço industrial, como, por exemplo, a eletricidade?

Homens de negócio, técnicos governamentais e consumidores, de há muito se acostumaram a raciocinar apenas em função dos custos econômicos. É óbvio, todavia, que os custos não-econômicos são igualmente reais.

Alguns de nossos problemas com relação ao meio ambiente, surgidos aparentemente de modo tão repentino, decorrem na realidade do fato de que, finalmente, nos conscientizamos de haver herdado e preservado um conceito de custo simplista e enganoso. Um dos testes cruciais de nossa nova sociedade industrial estará em saber se seremos capazes de aceitar um drástico alargamento do conceito de custo, nele vindo a incluir a preservação de um meio ambiente satisfatório, a salvaguarda do ar, das águas e da paisagem.

Mas o problema não se restringe à aplicação deste novo conceito de custo. Uma vez despertada a preocupação do público, não é fácil atenuá-la.

A ansiedade com respeito aos prejuízos ambientais causados pelo crescimento continuado está largamente difundida entre os leigos que se preocupam com a questão, pessoas indubitavelmente movidas pelos melhores sentimentos. Suas vozes, marcadas por justa apreensão, são ouvidas atualmente em quase todas as comunidades, grandes ou pequenas, dos Estados Unidos — ouvidas e respeitadas. Com efeito, esses cidadãos, malgrado estarem organizados de maneira muito precária, constituem a base de uma das mais efetivas forças políticas na história recente do país.

Não obstante, nem todos os oponentes mais extremados e mais atuantes do crescimento têm propósitos tão altruísticos.

Existe, por exemplo, um amplo contingente daqueles que, por hábito ou profissão, verbalizam e intelectualizam exageradamente qualquer problema, cômicos de que a atenção pública e as manchetes pertencem aos que usam a linguagem mais radical. E existem, ainda, as legiões de nostálgicos. Ironicamente, vamos encontrar aí sobretudo os velhos cansados e os jovens idealistas, ambos voltando as costas ao crescimento e aos frutos da tecnologia na procura de uma trilha que os leve de regresso a um mundo que jamais existiu. Finalmente, há muitas almas que prezam seu conforto e, tendo “chegado lá”, como se diz popularmente, gostariam de preservar o meio ambiente de que desfrutam negando-se a dele compartilhar com os menos afortunados.

Em contraste, nunca foi tão forte o impulso em prol do desenvolvimento e da industrialização, como fundamento de suas esperanças, nos quase dois terços da humanidade — os pobres, os que têm habitações precárias, os cronicamente enfermos, os famintos e analfabetos — em suma, as centenas de milhões de seres que, sobretudo na Ásia, na América Latina e na África, povoam os países ainda não industrializados e economicamente atrasados.

São eles — esses muitos milhões de seres — que mais desejam o crescimento econômico, o desenvolvimento e a tecnologia. E por que não? Eles viram e ouviram o que essas forças fizeram para tornar melhor a vida do povo. Para esses milhões em países distantes, e também muitos milhões nos Estados Unidos e na Europa, a poluição mais relevante para suas vidas não é aquela que conspurca os rios e o ar, que prejudica os animais selvagens e os peixes, mas a poluição da pobreza e a falta de empregos.

A todos esses que tão recentemente se tornaram conscientes dos perigos que cercam o meio ambiente, e que de maneira igualmente súbita descobriram a ecologia, a todos esses eu peço que atentem muito cuidadosamente para as conseqüências de um programa voltado para a contenção ou cessação do crescimento e da industrialização. Isto porque o conflito que paira sobre o processo de crescimento dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos contém as sementes de uma confrontação mundial, a qual só pode ser definida como uma luta de classes, no que possui de mais explosivo.

Como planejador e administrador de tarefas de preservação do meio ambiente há quatro décadas, conheço perfeitamente a longa história de miséria social que freqüentemente acompanhou e acompanha ainda a indus-

trialização e o crescimento, desde os primórdios da Revolução Industrial. Sei também, por experiência direta, que as condições de vida mais horrorosas e a mais insensata destruição do meio ambiente são hoje encontradas em regiões ainda não tocadas sequer pela industrialização, onde o crescimento tem sido nulo ao longo dos séculos.

A história e a evidência empírica nos indicam que proibir a implantação de indústrias e sufocar o crescimento econômico não conduziram à melhoria do meio ambiente, exceto para uma minoria privilegiada. Eu pessoalmente não tenho qualquer dúvida de que nossas maiores esperanças não residem na estagnação e na rejeição ao incremento da indústria e da tecnologia, mas exatamente no oposto: no crescimento econômico mais rápido, ainda que mais sábio e mais bem planejado.

Todavia, é impossível nessas poucas palavras responder adequadamente às dúvidas levantadas contra o crescimento, ou, recorrendo à ginástica intelectual, apelar para o oráculo contemporâneo do supercomputador que, com tamanha confiança, prevê a exaustão iminente dos recursos mundiais.

Assim, nessas declarações de cunho pessoal, tentarei apenas enunciar as asserções básicas que fundamentam minha posição afirmativa com respeito ao crescimento e ao desenvolvimento.

Parto da premissa de que, embora o desenvolvimento não seja intrinsecamente prejudicial, nem todo o crescimento é positivo. Permitam-me que cite alguns testes e padrões que considero úteis para formar um juízo sobre as virtudes e os defeitos do crescimento.

**Primeiro:** deve haver convicção quanto ao **objetivo básico** do desenvolvimento e do crescimento. Sou de opinião que o propósito fundamental não é econômico, mas humanístico. Deve-se julgar se o crescimento e o desenvolvimento são bons ou maus pelo efeito que exercem sobre o bem estar dos **indivíduos**, dos seres humanos.

Segue-se daí que o desenvolvimento não é primacialmente uma realização econômica ou técnica — e sim uma arte, uma arte humanitária, uma arte humanística.

**Segundo:** para que o crescimento seja benéfico do ponto de vista humanístico, e não destrutivo, o desenvolvimento dos recursos naturais tem de ser feito em consonância com a lei básica da natureza. Isso foi dito há muito tempo por Francis Bacon com as seguintes palavras: “Para dominar a Natureza o homem precisa obedecê-la”.

O primeiro mandamento da natureza, que deve ser respeitado a fim de que não se destruam os recursos — e o próprio homem — é o da unidade, a **interdependência** desses recursos, a terra, as águas, o ar, os minerais, as florestas. Anos atrás descrevi este princípio usando a expressão “Desenvolvimento **Unificado** dos Recursos Naturais”. O Tennessee Valley Authority (TVA) ofereceu oportunidade para a mais extensiva aplicação deste preceito.

**Terceiro:** acredito que a capacidade e o potencial humanos para aprimorar o ambiente externo e a vida interior são quase literalmente ilimitados.

E é a crença nesse princípio que me coloca em conflito mais direto, e filosoficamente mais irreconciliável, com os que propõem seriamente a tese

segundo a qual a manutenção de taxas elevadas de crescimento e desenvolvimento é basicamente destrutiva, pelo que tais processos deveriam ser restringidos ou até mesmo eliminados, dando lugar à estagnação, mais eufonicamente denominada “estabilidade” ou designada pela expressão em voga: “crescimento zero” (**zero growth**). Vejo neste conceito uma negação à capacidade já comprovada que tem o homem de transformar a impossibilidade de hoje na realização de amanhã.

**Quarto:** não acredito que se possa planejar corretamente mediante o emprego indiscriminado do recurso estatístico da extrapolação — a extensão teórica de tendências atuais ao futuro remoto. A premissa básica dos extrapoladores extremados é a de que o homem é virtualmente incapaz de alterar as atuais tendências de crescimento demográfico, de poluição, de uso e esgotamento de recursos. Adotado este dogma estatístico, o resultado inevitável é o desastre. O emprego de tal método às questões humanas implica a admissão de que, em nossos dias, o homem repentinamente perdeu seu talento, sua imaginação, sua criatividade e seu conhecimento dos recursos materiais do mundo. Trata-se de uma declaração de ignorância que, a meu ver, contraria a quase totalidade da experiência humana e o bom-senso do homem comum.

Em suma, o ser humano não será inexoravelmente vitimado pelo seu estado presente de conhecimento — ou de ignorância.

**Quinto:** os que criticam o crescimento e o desenvolvimento acelerados nos países industrializados podem apontar exemplos palpáveis e dolorosos das conseqüências destrutivas, em termos humanos, das muitas práticas irracionais de desenvolvimento — mais corretamente chamadas de exploração cega. Mas tais críticos deveriam propor-se a pergunta decisiva: **como** poderemos ter o crescimento e o desenvolvimento — que sem dúvida ocorrerão, apesar de tudo — sem esses subprodutos negativos? Esse é o verdadeiro desafio que se coloca diante daqueles que possuem talento gerencial.

Certamente, não há como escapar disto: aceitar uma doutrina que conduz à paralização ou pelo menos à desaceleração do crescimento e do desenvolvimento significa solapar, debilitar e em última instância destruir a confiança do homem em seus próprios poderes. E, destituído desta autoconfiança afirmativa, o mundo numa única geração seria lançado à Idade Média emocional, onde o futuro é sempre sombrio e não existe qualquer esperança.

Mas não nos enganemos: se a doutrina derrotista alastrar-se, se estes super-reacionários modernos prevalecerem, o crescimento físico se reduzirá e terminará por se interromper. As vítimas imediatas serão os bilhões de seres mal alimentados, mal vestidos e mal abrigados do mundo. A maior perda, porém, não será física; será, isto sim, a morte da confiança nos poderes mentais e na criatividade do homem.

A verdadeira questão não é **se** devemos crescer, mas **como** crescer.

A melhor maneira de aprender o **como** é através da participação no processo de desenvolvimento. Alguns exemplos concretos, embora incompletos, ajudarão a tornar mais claro meu ponto de vista.

## O VALE DO TENNESSEE

A transformação física e econômica do Vale do Rio Tennessee, abrangendo sete estados, é uma das melhores ilustrações do tema desta conferência, isto é, de que o crescimento e o desenvolvimento podem ser concebidos e executados de modo a fortalecer, e não a destruir, o meio ambiente, trazendo consequências benéficas à vida das populações.

As condições físicas do Vale há quarenta anos são tão conhecidas em todo o mundo que não preciso estender-me sobre o assunto.

Quando a TVA foi criada em 1933, o solo da maior parte da região estava tragicamente erodido. A população rural era incrivelmente pobre. O rio encontrava-se gravemente poluído e seu aproveitamento como via navegável era quase nulo, enquanto enchentes periódicas assolavam as terras e as comunidades. O suprimento e o uso da eletricidade estavam restritos às aglomerações urbanas, não se estendendo às áreas rurais.

Antes de 1933, os esforços desenvolvimentistas do Governo Federal, malgrado o vulto dos dispêndios, eram irregulares, inconsistentes e dispersos entre diversas agências governamentais, *frequentemente competitivas*.

A confiança do povo em si próprio e no futuro — como tive ocasião de verificar na qualidade de um dos diretores fundadores da TVA — era virtualmente nula. A região, em 1933, era não apenas o Problema Econômico Número Um do país, como se dizia então, mas também um problema humano de trágicas proporções devido à inadequação dos meios devotados à educação e à saúde.

E o que é mais importante: os jovens — principal recurso da região — desacreditavam de seu futuro e eram forçados a abandonar a região em favor das cidades do Norte.

A primeira diretoria da TVA preparou o que se denominou Plano Unificado para o Desenvolvimento dos Recursos da Região. Ao invés de uma abordagem incidental, este programa postulava um desenvolvimento baseado na interdependência, na integração, na unidade de todos os recursos terrestres, aquáticos, florestais — e humanos. Não se tratava então, como ainda não ocorre hoje, de um plano de dimensões grandiosas, de um projeto altamente centralizado sob o controle de Washington. Era, e continua a ser, genuinamente descentralizado. Os estados, as comunidades locais, a iniciativa privada e os cidadãos, detêm grande participação tanto no planejamento quanto na execução.

Nesses quarenta anos o Vale sofreu total transformação. As modificações físicas são óbvias. As novas técnicas agrícolas conservam, ao invés de destruir, o solo antes sujeito à erosão. As barragens fornecem eletricidade, mas garantem também a mais completa proteção contra enchentes em todos os Estados Unidos, num vale anteriormente assolado por tais catástrofes. O rio transformou-se em importante artéria de transporte. Malgrado grandes indústrias tenham vindo instalar-se à margem do rio, suas águas, antes poluídas pela vazão dos esgotos e outros detritos, são hoje mais limpas do que há quarenta anos.

Todavia, a mais importante consequência do método de ação da TVA está no impacto sobre os habitantes da região. Como se aprazem em dizer os líderes do Vale, as populações não mais carecem de confiança. Além disso, a necessidade de que os jovens migrassem em busca de oportunidades desapareceu; as correntes migratórias hoje se dirigem para a região. Fez-se progresso na criação de novas cidades, baseadas na disponibilidade de empregos industriais, onde as pessoas podem desfrutar de vida mais sadia e tranqüila do que nas grandes cidades. A TVA continua a prestar consultoria técnica no que tange ao planejamento urbano, à proteção contra enchentes locais, à preservação do solo e da pureza das águas, bem como ao replantio florestal.

A estabilidade financeira da empresa é atestada pelo fato de que a TVA periodicamente recorre aos mercados de capital para obter recursos privados da ordem de centenas de milhões de dólares com vistas à expansão do maior sistema integrado de geração de energia nos Estados Unidos.

O crescimento e a tecnologia não resolveram todos os problemas de proteção do meio ambiente, e naturalmente não satisfizeram todas as necessidades e aspirações da população do Vale. É da essência do processo que o crescimento crie novos problemas.

No entanto, através do desenvolvimento unificado e integrado, e não conduzido em forma de colcha de retalhos, as consequências ambientais de um dos exemplos de crescimento mais acelerado na história dos Estados Unidos constituíram foco permanente de atenção. Por exemplo, desde 1945 a TVA iniciou a recuperação de terras onde se explorara minério fosfatado e, a partir de época mais recente, exige a recuperação e o replantio de árvores nas áreas em que se explora carvão a céu aberto para venda à TVA, que o emprega nas usinas termelétricas. Outra ilustração da preocupação da TVA com os objetivos humanos, e não meramente econômicos, está em sua tarefa pioneira de transformar os lagos criados pelas represas em fonte de recreação para milhões de pessoas, mediante o emprego sobretudo de fundos locais ou particulares.

O ceticismo com relação ao crescimento e ao desenvolvimento se estende hoje à construção de barragens. **Toda e qualquer** barragem é por muitos condenada como interferência sobre a Natureza. Sem dúvida, não poucas barragens foram mal planejadas e mal construídas. Mas é igualmente verdadeiro que a falta de barragens corretamente projetadas para deter enchentes provocou e provoca grandes tragédias **humanas**.

Muito recentemente o escárnio às barragens ganhou maior intensidade. Um dos mais terríveis desastres humanos e econômicos da história americana ocorreu esta primavera no vale de um tributário do Rio Ohio, o Susquehanna. As cidades de Wilkes-Barre e Scranton foram quase inteiramente destruídas por enchentes inadequadamente controladas por barragens.

Uma das consequências humanas positivas da tecnologia, tal como aplicada a grandes sistemas de barragens, está em eliminar a ansiedade das populações que vivem em vales sujeitos a enchentes periódicas, como era o caso do Tennessee antes da TVA. Os habitantes do Vale do Tennessee sabem que, graças ao planejamento correto e à construção de uma série

de barragens, a tecnologia lhes assegurou, como vem sendo comprovado ao longo de várias décadas, que suas vidas e sua tranquilidade não estão ameaçadas nas épocas de cheia, apesar dos desastres que possam ocorrer em outros vales.

A TVA é uma realização que sobreviveu à prova do tempo. O fato de que o padrão integrado da TVA exerceu influência nos projetos de desenvolvimento levados a cabo em todo o mundo, sob condições muito diferentes, serve como medida da correção dos métodos de crescimento por ela adotados. Mais uma vez arrisco-me a sugerir que o **como** do desenvolvimento no Vale do Tennessee é responsável por grande parte de seus resultados positivos.

## IRÃ

O Irã, mais conhecido na Europa pelo nome de Pérsia, coloca-se entre os países mais velhos do mundo e também entre o punhado de países que se desenvolvem em ritmo acelerado. Durante mais de dezesseis anos, a companhia que dirijo — *Development and Resources Corporation*, ou *D & R* — vem prestando ampla gama de serviços técnicos e gerenciais no Irã, contratada e financiada pelo Governo Imperial. Por isso, posso falar do notável crescimento e modernização do país com base na minha experiência pessoal.

O Irã exemplifica o que podem fazer a industrialização acelerada e o crescimento para lançar as bases da melhoria das condições de vida da população daquele império do Oriente Médio. Serve também como ilustração de um dos principais defeitos da industrialização acelerada e do crescimento, observável em quase todo o mundo. Refiro-me à maneira pela qual as condições das populações rurais permanecem tragicamente inalteradas malgrado o progresso geral provocado pelo desenvolvimento urbano e industrial.

Para todos nós que trabalhamos no Irã, é encorajador que o mais recente Plano Quinquenal, agora formulado sob direção do Xá e da liderança de seu Governo, atribui a mais alta prioridade à melhoria das condições de vida das populações rurais e ao soerguimento da agricultura aos padrões de modernização já atingidos nas esferas industrial e urbana do Irã. O setor industrial é encarado como a alavanca com a qual se poderá realizar a tarefa gigantesca de melhorar a vida rural.

Quando, há dezesseis anos, se iniciou o envolvimento da *D & R* na Pérsia, o mais doloroso problema humano eram as condições de vida de mais da metade da população, constituída por camponeses e nômades. Sua pobreza e analfabetismo, suas enfermidades e métodos primitivos de cultivo, como eu e minha esposa observamos nas visitas a muitas aldeias, eram deploráveis. Era isso que preocupava Sua Majestade o Xá e a Organização do Plano, acima de qualquer outra necessidade do país; e foi para ajudar na superação deste problema humano que o Xá nos orientou, sob contrato, a fim de que empregássemos nossa capacidade técnica na transformação das condições físicas da agricultura.

Era óbvio para a D&R que, sem o crescimento e o desenvolvimento promovidos pela tecnologia e por recursos gerenciais, as possibilidades de uma melhoria rápida e substancial dos padrões de vida dos camponeses eram virtualmente nulas. O ceticismo atual dos intelectuais para com a tecnologia e seu lema do "crescimento zero" soariam de maneira cruel aos ouvidos dessa gente miserável.

Nosso trabalho começou na vasta e desértica região do Sudoeste do Khuzestan, parte da histórica planície da Mesopotâmia. Através do solo árido desta região corriam cinco rios alimentados pelas neves, chegando praticamente inaproveitados ao Golfo Pérsico. Preparamos um Programa de Desenvolvimento Unificado de longo prazo, baseado em parte nos princípios da TVA.

Esse plano exigia a aplicação de todos os recursos técnicos modernos, nos campos da engenharia, agricultura, medicina, treinamento e educação, gerência e organização. O objetivo, tal como expressamente definido pelo Xá, era a restauração dos regimes de águas e de solo de uma região que, no passado remoto, fora o celeiro do Império Persa quando este dominava a maior parte do mundo civilizado, do Egito à Índia.

Desde que nosso trabalho se iniciou, foram dados os primeiros passos, claramente observáveis, na restauração da produtividade desta área.

Criou-se uma corporação pública regional, dirigida por jovens iranianos. A política nacional de incentivo ao investimento privado conduziu à agricultura em larga escala nas terras recuperadas e irrigadas, seja por firmas estrangeiras, seja por companhias agrícolas de propriedade dos camponeses. Grandes áreas do que antes era deserto são hoje, mais uma vez, prósperas e verdejantes.

Uma série de realizações técnicas constitui a força que tornou possíveis tais transformações físicas. Dessas, a mais impressionante foi a construção, numa garganta de 500 metros de altura, no Rio Dez, de uma das mais altas barragens no mundo, projetada pela D&R. As águas represadas por essa barragem correm agora através das turbinas, acionando os geradores que fornecem uma parcela significativa de toda a energia elétrica do Irã. Os canais de irrigação servem a milhares de hectares de terras, hoje cultivadas segundo as técnicas mais modernas e mecanizadas.

O impacto da transformação física se reflete nas estatísticas de crescimento da produtividade e do estímulo industrial representado pela ampla disponibilidade de energia. Significado maior, entretanto, tem o efeito destas transformações na vida dos habitantes da região e, a bem dizer, de todo o Irã.

Não menos importante, como consequência humanística do crescimento e do desenvolvimento técnico, foi a recuperação da confiança por parte do povo iraniano em sua capacidade nacional, confiança essa que fora grandemente abalada pela ocupação por tropas estrangeiras e pelas crises políticas internas. Seria difícil encontrar, nos dias de hoje, povo mais confiante em si.

E essa confiança é bem fundada. Isso não se deve apenas aos prodigiosos incrementos na receita obtida pela exploração das reservas de gás e

petróleo, ou no aumento do Produto Nacional Bruto, dentre os maiores do mundo. Fator igualmente importante são as realizações e o moral renovado dos jovens iranianos.

Mas também existem motivos de preocupação. O maior obstáculo econômico — e, portanto, o mais intratável fator humano e político na vida persa — ainda é o atraso na produção e comercialização agrícola em quase todo o país. Este atraso crônico tem reflexos humanos reais e agudos: a manutenção de uma dieta pobre em proteínas, até mesmo nas cidades, e condições árduas de vida para milhões de trabalhadores agrícolas e outros milhões de nômades a cuidar de cabras e carneiros cuja alimentação ameaça a cobertura vegetal e, conseqüentemente, o solo da maior parte do país.

O Governo do Xá enfrenta corajosamente estes problemas humanos e econômicos. E é de esperar que, neste ataque em massa aos problemas da vida rural, a tecnologia e a experiência gerencial venham a desempenhar papel de relevo. Mais uma vez, o enfoque deverá recair sobre as conseqüências humanísticas do crescimento e da tecnologia.

A Pérsia de modo algum escapou a algumas das conseqüências destrutivas do crescimento e expansão acelerados. Vez por outra, Teerã, a capital, está envolta em **smog**; há três anos, os congestionamentos de tráfego em Teerã rivalizavam com os de Tóquio ou Nova York, embora uma melhor regulamentação já tenha produzido resultados positivos. Um programa de descentralização compulsória das novas indústrias, que se devem localizar em cidades menores, e a melhoria de condições nas zonas agrícolas mais pobres, deverão reduzir o alargamento e o congestionamento de Teerã. Mais importante ainda para os derrotistas: a **consciência**, por parte dos iranianos, dos riscos do crescimento acelerado, digna de inveja em nações industrializadas muito mais maduras.

## BRASIL

A República Federativa do Brasil é um dos três ou quatro países do mundo que mais crescem nos dias de hoje. Os observadores financeiros e políticos do exterior concordam em que as impressionantes taxas de crescimento e transformação social devem manter-se no futuro previsível.

Conquanto sucintamente, referir-me-ei primariamente às conseqüências humanísticas deste crescimento espetacular do Brasil por duas razões. Uma delas é a incrível diversidade física e social do país, verdadeiro império de grandes e sofisticadas metrópoles e imensos recursos naturais por explorar: a selva amazônica ainda virgem, os campos sem fim, a fabulosa riqueza mineral e alguns dos maiores rios do planeta.

Mas há outra razão para que se aponte o Brasil como exemplo das conseqüências do crescimento acelerado.

É que, por iniciativa do Presidente Médici e seu Governo, a Development and Resources foi contratada, com recursos financeiros exclusivamente brasileiros, para prestar assistência técnica, gerencial e de programação com vistas a fortalecer o desenvolvimento de duas vastas e potencialmente ricas regiões, a Bacia do Rio Amazonas e o Vale do Rio São Francisco, com

mais de 1.100 quilômetros de extensão. Assim, ao falar sobre o Brasil eu tenho a vantagem da observação direta do crescimento e das técnicas de transformação num país de cem milhões de habitantes, fenômeno que hoje atrai a atenção de todo o mundo e, sobretudo, dos investidores e empresários privados.

O Brasil talvez seja atualmente o exemplo mais espetacular de crescimento e expansão em todo o mundo. Os dados sobre o aumento do Produto Nacional Bruto são notáveis; mas contam apenas uma pequena parte da história. Os brasileiros que se acham à testa dos Ministérios são em sua maioria jovens, altamente qualificados e motivados dentre os quais se encontram talentos técnicos e gerenciais de calibre superior.

O que é ainda mais importante, os homens de nível ministerial, a par das qualificações técnicas, expressam um **propósito nacional** comum e coerente, tal como raramente se encontra em qualquer outro país na atualidade. A liderança governamental brasileira e seus pares das esferas privadas estão levando a cabo uma das mais estupendas empreitadas de desenvolvimento físico desde a ocupação do Oeste norte-americano. Mas há uma diferença: a integração das regiões situadas a oeste do Mississípi ao resto do país estendeu-se por várias gerações. O Brasil, na verdade, está realizando em uma década tarefas de integração nacional que exigiram mais de um século nos Estados Unidos.

Ainda este ano atravessarei uma parte da nova estrada, que brevemente estender-se-á por quase cinco mil quilômetros, varando o próprio coração da Bacia Amazônica, até então virtualmente inexplorada. Essa estrada majestosa é mais do que um triunfo de engenharia e do ânimo político brasileiros. É o exemplo, em grande escala, do tipo de ousadia que inspira orgulho e auto-confiança a uma nação. A Amazônia, império ignoto — ocupando dois terços da área terrestre dos Estados Unidos, excluído o Alasca —, está sendo aberta à ocupação pioneira, com vistas à utilização de vastas reservas minerais.

Também outras regiões — como o Vale do São Francisco, estrategicamente localizado — são parte de uma epopéia moderna comparável à que marcou a história dos Estados Unidos no século XIX.

A aceleração da industrialização e a manutenção do processo inflacionário, antes desastroso, dentro de limites bem definidos e controláveis são conquistas bem menos dramáticas, mas igualmente sem precedente como objetivo nacional prioritário em nação tão vasta e tão diversificada. Um sistema nacional de incentivos fiscais, altamente imaginativo, estimulou o crescimento industrial e, conseqüentemente, garante novos investimentos e empregos onde são mais necessários, isto é, no Nordeste. Os efeitos desses gigantescos esforços nacionais são potencialmente imensos em termos da qualidade da vida humana e do impacto sobre o meio físico.

O Brasil possui a quarta maior cidade do mundo, São Paulo, que sofre muitas das conseqüências negativas do crescimento acelerado e virtualmente não planejado ocorrido em passado recente. Os brasileiros reconhecem que suas terras e florestas, sem um desenvolvimento planejado, poderão ser submetidas a pressões capazes de prejudicar a sobrevivência desses recursos e, portanto, de prejudicar a própria nação.

A maneira pela qual a liderança do país, tanto no governo quanto no agressivo setor privado, nacional e estrangeiro, vier a enfrentar os riscos do crescimento acelerado representará um exemplo quase sem paralelos de como o planejamento em nível nacional e voltado para a ação pode fazer com que o crescimento sirva a fins humanos e preserve os recursos básicos.

Um dos principais objetivos do planejamento físico e financeiro é oferecer oportunidades econômicas e melhores condições de saúde e educação para camadas mais pobres, sobretudo aquele terço da população que vive na região menos próspera, o Nordeste, que no entanto é responsável por notáveis contribuições humanas e culturais ao país. As enormes verbas destinadas à educação e aos serviços sociais, especialmente na área da saúde, dão bem a medida da prioridade deste objetivo.

Projetos de irrigação de grande porte, empreendimentos hidrelétricos que se contam entre os maiores do mundo, com seus mercados já assegurados, novas vias de transporte além da Rodovia Transamazônica são todos parte de Plano Nacional coerente. O Plano não apenas reconhece explicitamente os perigos do desenvolvimento acelerado, mas prevê as medidas necessárias para minimizar tais riscos.

Uma coisa é reconhecida tanto pelos planejadores e governantes, quanto pelos líderes industriais e financeiros: a **alternativa** para o crescimento planejado é a estagnação e a decadência, acompanhadas pelas crises políticas que caracterizaram a história recente de muitos países em desenvolvimento. A única opção viável é fornecer os recursos e o apoio público a fim de que se operem as transformações sociais, para o que é imprescindível a aceleração do crescimento, como o Brasil bem compreendeu.

Estou familiarizado com o processo de planejamento nacional e regional através do mundo, bem como com os aspectos de execução de empreendimentos públicos e privados. Por sua magnitude e ousadia, pela qualidade intelectual e probidade dos homens de comando, pela ampla concordância quanto a objetivos e métodos de ação, creio que o esforço ora realizado no Brasil para estimular o desenvolvimento como meio de atingir fins humanos e sociais é absolutamente sem precedentes; suas probabilidades de êxito continuado são hoje encorajadoras. Os Estados Unidos têm muito a aprender com a aventura brasileira de harmonizar o crescimento com necessidade e aspirações humanas.

A tônica desta conferência é otimista e confiante. Isso talvez exija alguma explicação, pois em meu país hoje em dia não está na moda ser otimista — muito pelo contrário.

A principal razão de minha confiança é esta: somente quando as pessoas se encontram em dificuldade têm estímulo para adotar maneiras **fundamentalmente diferentes** de ordenar sua vida nacional ou individual.

No caso de nações, é necessário que o problema seja extremamente sério: uma guerra; a poluição do ar a ponto de torná-lo quase irrespirável; o congestionamento de trânsito que transforma em agonia a vida urbana; a inflação e o desemprego em níveis desmoralizantes; o cinismo que corrompe o espírito humano, etc. Só quando atingimos situações tão críticas estamos preparados para seguir uma nova liderança ao longo de caminhos que podem

ser heróicos. Exemplo disso é a atual cruzada de cidadãos em favor da proteção do meio ambiente ameaçado, campanha que vem abalando a indústria convencional e os políticos acomodados nos Estados Unidos.

Mas é necessário mais do que retórica e protestos sobre a ecologia. Uma época de crise exige que os indivíduos repensem suas crenças mais profundas, a fim de se certificarem de quais são os valores humanos e políticos em cuja defesa estariam prontos a fazer os maiores sacrifícios. Pois os sacrifícios constituem o preço da transformação.

Nossa época está a exigir o crescimento e a expansão planejados, mas tais processos, por si sós, não resolverão os problemas atinentes aos valores humanos básicos. Nossa época está a exigir muito mais do que imensos dispêndios e nova tecnologia para a limpeza dos rios e do ar poluído, muito mais do que a difusão e a reestruturação de nossas metrópoles, vítimas de um processo canceroso de crescimento incontrolado.

Temos de enfrentar esta verdade: estamos em crise, e por isso na próxima década seremos obrigados a empreender uma transformação fundamental em nossa maneira de pensar. Esta transformação já se iniciou e em alguns casos começa a assumir formas visíveis.

Como ilustração de mudança nos hábitos de pensamento mencionarei a maneira nova com que estamos começando a encarar o processo de planejamento — e, sem o planejamento voltado para a ação, acredito serem escassas as esperanças em nosso futuro.

Começamos a entender o planejamento não como um exercício teórico, mas como expressão vital de um propósito político.

As implicações e conseqüências deste conceito ativista do planejamento econômico e político provavelmente significarão, no decurso de uma década, a reconstituição de nossa estrutura social e econômica.

Uso o termo “processo de planejamento” em sua acepção mais ampla e mais genuína. Com ele quero significar o planejamento do crescimento, o planejamento capaz de preservar os aspectos estéticos de nosso meio ambiente e o vigor de nosso sistema econômico, o planejamento para superar a escassez iminente de energia, o planejamento para controlar os preços e a inflação, o planejamento em prol do pleno emprego, o planejamento do uso de nossas terras e até mesmo o planejamento para estabelecer relações mais racionais com países que possuem ideologias diferentes ou mesmo antagônicas à nossa.

Por muitos anos “plano” foi uma palavra de baixo calão. E frequentemente por boas razões. Embora o planejamento tivesse muitas realizações a seu crédito, tornou-se desacreditado principalmente porque, na maior parte dos casos, era abstrato e excessivamente intelectualizado, distanciando-se da ação. Muitas vezes os planos eram elaborados com vistas à satisfação profissional dos próprios planejadores.

Como ocorreu essa perda de substância? Porque os responsáveis pela elaboração dos planos não eram encarregados de sua execução ou não tinham competência para fazê-lo. Muitas vezes os planejadores não possuíam o temperamento ou a experiência gerencial, a resistência ou a cora-

gem, para levar avante seus planos. As prateleiras dos governos e entidades públicas em todo o mundo estão abarrotadas de planos teóricos, acumulando poeira e contribuindo para o crescente ceticismo e aversão para com o processo de planejamento. E o desencanto generalizado com tais estilos de planejamento só fez aumentar quando os planejadores passaram a alimentar enormes computadores com sua visão teórica do mundo.

Mas tudo isto está mudando. E está mudando sobretudo porque nos achamos em crise e não mais podemos tolerar a degradação da realidade do planejamento e do processo de implementação. O planejamento a cada dia deixa de ser o brinquedo abstrato de planejadores teóricos.

O planejamento já foi denunciado como socialista e até herético. Isso também praticamente acabou. Com efeito, os que se consideram conservadores do ponto de vista econômico são os que mais clamam pelo planejamento, embora freqüentemente lhe dêem outro nome, tal como "declaração comum de prioridades nacionais", ou "política energética nacional" ou "política nacional de uso do solo", etc. Mas esses não passam de subterfúgios semânticos: trata-se realmente de planejar, como quer que o denominem.

Estou convicto de que muito brevemente o planejamento, com ênfase na **implementação**, será largamente patrocinado por aqueles que mais conhecem suas técnicas de forma pragmática, isto é, os gerentes de alto nível das empresas privadas, que há muitos anos vêm efetivamente **praticando** o **planejamento micro-econômico**.

São nossas dificuldades que estão provocando essa mudança no sentido de adotar estilos corajosos de planejamento voltado para a ação. Pois são os fracassos evidentes do homem que o impelem ao progresso. E nossas dificuldades, nossos fracassos **são** evidentes, em cada dia de nossas vidas, nos Estados Unidos, mas também na Europa e em outras partes do mundo.

Por essa razão estou convencido de que a próxima década será um período de significativo progresso no sentido de uma visão pragmática do crescimento continuado, de um planejamento mais próximo da realidade e, sobretudo, de um repensamento fundamental de nossos objetivos, valores e instituições sem exceções. E é por isso que manifesto minha confiança e meu otimismo no futuro.

## S U M M A R Y

To grow or not to grow, that is one of the great questions of our world.

The author of this paper, as a humanist and professional manager, disagrees with those who regard the trends of development and growth with pessimism. He considers that such negativism will bring regression to all social and economic systems — capitalist, socialist or communist ones — hitting both the industrialized and developed countries and the underdeveloped ones.

Stating his personal beliefs as to growth and development, clearly positive, confident and specific, the author considers growth not only as a mere economic or political proposition but as a basic premise of life itself, considered both as individual life so as the species and the planet's survival.

He recalls that growth and development were alway desired and incentivated, being the cornerstone of capitalism, socialism or comunism. According to his views, what puzzles the world today is to know *how* to grow.

As main issues of the discussion, he states the intolerable air pollution in all the big cities and their neighborhood, the contamination of many rivers and lakes and even the visible threat to the seas. The substantial increase of population and the growing migration of millions of people from the country to the cities has multiplied the impact of air and water pollution.

Considering that the major part of such evils results from the industrialization, from the growing demand for goods produced by industry and technology, the author believes that one of the crucial tests of the new industrial society will be its capability of accepting a drastic enlargement of the cost concept, which must include the onus of the preservation of a satisfactory environment and the protection of air, waters and landscape.

After stating the basic assertions which are the foundations of his attitude towards growth and development, the author affirms that he believes that the true problem is not to know *if* we must grow, but rather *how* to grow. As concrete examples he points out three programs which he knows perfectly well: the Tennessee Valley Project, Iran Project and Brazil Project. In his judgement these three experiences confirm his standpoint as presented in this paper.